

Em defesa do ensino da Educação Física no campo da cultura popular¹

Rogério Rodrigues²

Resumo

A Educação Física é uma área do conhecimento que possui diversas peculiaridades no ensino e na pesquisa. Nesse aspecto, o artigo busca incentivar um debate sobre a questão da desvalorização, principalmente, seu distanciamento da cultura popular, diante da banalização da maneira como a transmissão da Educação Física vem ocorrendo nas escolas de educação básica. Esse tipo de reflexão, de certo modo, remete-nos a certa compreensão crítica sobre as alterações no campo da didática da Educação Física, quando esta fica subordinada ao fenômeno esportivo. Nesse sentido, a análise pode ser um elemento de reflexão que constitui algo em defesa dessa modalidade de ensino no campo da cultura popular.

Palavras-chave

Educação do Corpo. Educação Física. Fundamentos da Educação. Cultura Popular.

1. Esse texto é dedicado à Luiza Helena, que me faz pensar o brincar como lugar de realização da felicidade.
2. Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, professor na Universidade Federal de Itajubá. E-mail: runifei@hotmail.com.

In defense of Physical Education teaching process in the field of popular culture

Rogério Rodrigues*

Abstract

This study aims to inform the public about domestic violence against women to encourage them to complain. We used a participatory research methodology and applied a questionnaire to the 58 participants, which were customers and stallholders of Albano Franco Market, Aracaju, state of Sergipe. We observe that the participants were aware of the existence of the Maria da Penha Law, but unaware of its complain. Thus, we propose an oral presentation aiming enlighten, provide and encourage them to complain. This research aims to contribute to the increase of other researches about domestic violence against women, collaborate with the literature and provide reflections to support projects to improve the quality of life of women.

Keywords

Human Rights. Gender. Domestic Violence.

* PhD in Education, State University of Campinas, São Paulo, Brazil; professor at Federal University of Itajubá, Minas Gerais, Brazil. E-mail: runifei@hotmail.com.

Introdução

Uma das questões colocadas é saber se é preciso passar pelas palavras para ensinar determinadas coisas ao corpo.

Pierre Bourdieu, *Coisas ditas*, p. 219.

Falar sobre a Educação Física e suas interfaces, no campo da cultura popular, levamos, muitas vezes, a pensar sobre o ensino das práticas corporais na unidade escolar, mais propriamente, sobre o que seria ensinar uma determinada “técnica corporal” em que “cada sociedade tem hábitos que lhe são próprios” (MAUSS, 1974, p. 213). A pergunta central procura responder os motivos pelos quais, no campo do ensino da Educação Física, predomina o ensino do esporte e pouco se ensina a cultura popular do uso do corpo, como o conjunto das danças brasileiras ou a prática da capoeira por exemplo.

Assim, é possível observar que, no campo escolar, a transmissão da Educação Física, estaria aquém do ensino da técnica de corpo no campo da cultura popular, e, predominantemente, o seu ensino estaria centrado na técnica esportiva. Nessa perspectiva, questiona-se se a Educação Física deveria estar associada à representação simbólica que ela poderia representar no campo da cultura em interface com as manifestações populares no uso do corpo ou se ela deve ser uma área especializada para o ensino do gesto esportivo. Esse tipo de questionamento, de certo modo, remete-nos a certa compreensão sobre a didática da Educação Física, quando ela se encontra subordinada ao campo esportivo, pois a técnica esportiva anula a expressão popular no uso do corpo.

A anulação da expressão corporal popular frente ao fenômeno esportivo decorre da organização deste em função do desempenho pautado na eficácia e na eficiência. A manifestação corporal popular é algo organizado pelo lúdico e, portanto, são formas de expressão

corporal em campos opostos.

Podemos afirmar que a formação do educador físico possui uma especificidade própria que transitaria entre o campo da linguagem e as coisas do corpo. Entretanto, em grande parte dos cursos de formação em Educação Física, o uso do corpo pautado na lógica do fenômeno esportivo é algo hegemônico. Isso se deve ao fato de que falar sobre uma didática da Educação Física é pensar em aspectos pedagógicos para formação do “talento esportivo”.

Em contraposição à hegemonia do uso do corpo no campo esportivo, seria importante compreender a Educação Física nas relações entre a palavra, o corpo e a representação social de corpo, mais propriamente, refletir sobre como as palavras representam o corpo e sobre como o uso do corpo determina as nossas palavras.

Quando falamos na representação social de corpo, estamos nos referindo a algo que está sendo apresentado novamente pelo discurso das palavras. Podemos pensar que a prática corporal em si seria a primeira apresentação do corpo, e a Educação Física já seria uma linguagem de representação porque já teríamos o trabalho das palavras para mediar a nossa compreensão de corpo. Quantas vezes as explicações sobre como fazer, nas palavras do professor de Educação Física, não alcançam o como fazer na prática corporal?

Dessa forma, partimos da hipótese de que o elemento central para o ensino na área da Educação Física é a compreensão de que saber ensinar as coisas do corpo passa por um saber fazer as coisas com o corpo e, portanto, trata-se de uma vivência corporal. Partimos do pressuposto de que é a partir das experiências adquiridas com o corpo que podemos elaborar a nossa representação em palavras e que, muitas vezes, não se encontram

palavras para explicar as coisas com o corpo.

Uma das questões colocadas é saber se é preciso passar pelas palavras para ensinar determinadas coisas ao corpo, se quando se fala ao corpo com palavras, são as palavras precisas teoricamente, cientificamente, aquelas que fazem o corpo compreender melhor ou se, às vezes, palavras que não têm nada a ver com a descrição adequada do que se quer transmitir não são mais bem compreendidas pelo corpo. (BOURDIEU, 1990, p. 219).

Assim sendo, o educador físico é aquele que tem determinadas experiências adquiridas de uso do corpo e, por esse motivo, possui condições de produzir discursos sobre o corpo e, até mesmo, de transmitir seus ensinamentos de “técnicas de corpo”. Nesse caso, o distanciamento da Educação Física do campo da cultura popular pode apresentar-se como uma posição política de corpo, ou seja, trata-se de uma forma hegemônica do capital se reproduzir em todas as instâncias e, no caso do corpo, o fenômeno esportivo atender à lógica do mercado esportivo que invade os corpos e as mentes, já que:

as máquinas totalitárias capitalistas, ao mesmo tempo que captam a energia do desejo dos trabalhadores, esforçam-se para dividi-los, particularizá-los e molecularizá-los. Infiltram-se em suas fileiras, suas famílias, seus casais, sua infância; instalam-se no coração de sua subjetividade e de sua visão de mundo. (GUATTARI, 1981, p. 186).

Portanto, no campo da cultura popular, o uso do corpo organizado pode ser interpretado como um mecanismo de resistência à sociedade de mercado e isso, em parte, pode explicar o fato de que essa cultura encontra-se destituída de hegemonia e de representação na sociedade. Ainda nesse campo, os espaços destinados para as manifestações de corpo encontram-se reduzidos e, em contrapartida,

temos uma ampliação da homogeneização do paradigma de esporte de rendimento pautado na eficácia e na eficiência de resultados.

Sobre essa modalidade de transmissão educativa, no contexto esportivo, é muito comum, quando nos apresentamos como professor de Educação Física, a presença do imaginário de que temos gravado em nossos corpos algum tipo específico de saber fazer coisas com o corpo. Como se tivéssemos uma espécie de segredo guardado em nossos corpos que a qualquer momento poderá ser apresentado aos nossos alunos para torná-los “aptos” para a constituição do “talento esportivo”. Seria como se no corpo estivesse guardado algum tipo de “truque”, induzindo quem assiste ao desempenho do corpo a ter o seguinte questionamento: “Como ele consegue fazer tais coisas com o seu corpo?”. Esse gosto e fascínio pelo uso do corpo esportivo já se encontra associado a uma educação do sentido pautada na hegemonia do capital.

Quem deu aula de Educação Física em algum momento, já deve ter escutado de seus alunos a seguinte solicitação: “Professor, faz você agora!”. Os olhares de todos os alunos fixam-se no corpo do professor, pois naquele momento algo vai ser revelado, ou seja, espera-se do professor de Educação Física uma determinada destreza no uso técnico de seu corpo. Nessa relação de fascínio é que podemos identificar uma modalidade de transmissão a qual podemos denominar como “imitação prestigiosa” que seria algo quando

a criança como o adulto, imita atos que obtiveram êxito e que ela viu serem bem sucedidos em pessoas em quem confia e que têm autoridade sobre ela. O ato impõe-se de fora, do alto, ainda que seja um ato exclusivamente biológico e concernente ao corpo. (MAUSS, 1974, p. 215).

Podemos compreender que uma didática da Educação Física, em grande parte, está

baseada em dois pontos: experiência corpórea e processo de imitação. Portanto, a Educação Física é uma modalidade de educação do corpo que estaria centrada na seguinte lógica: “faça com o seu corpo do mesmo modo como eu uso o meu próprio corpo”. No entanto, não se trata apenas de imitar o gesto corporal, pois na transmissão da “técnica do corpo” encontram-se outros elementos associados. Diante disso, se o educador físico não pensa e não faz suas práticas sociais no campo da cultura popular, a possibilidade de transmissão dessa ciência fica completamente reduzida. Para transmitir a cultura popular no ensino da Educação Física o educador deveria estar envolvido de corpo e alma em todos os seus aspectos.

Assim, podemos criar uma polêmica: a Educação Física é algo de ordem das palavras ou dos gestos? Os defensores das “palavras” carregam a Educação Física de teoria e não dominam a prática e os defensores dos “gestos” carregam a Educação Física de prática e não dominam a teoria. Desse modo, falar sobre a Educação Física é, de certo modo, falar das relações entre a teoria e a prática. O que podemos assistir sobre essa matéria é a presença de um injustificado “complexo de inferioridade” perante o ensino “pedagógico” das outras disciplinas escolares e, neste caso, é interessante destacarmos que há um grande esforço da Educação Física em criar um “discurso científico”, que a defina como tendo certa “racionalidade pedagógica” sobre a educação do corpo. Essa desvalorização da prática tem afetado diretamente a Educação Física e isto traz consequências na transmissão por “imitação prestigiosa” a ponto de se perder o próprio sentido da existência do exercício das “práticas corporais”. Em casos extremos, podemos nos defrontar com a situação em que o educador físico não domine mais a “técnica corporal” a ser transmitida. Dessa forma, lançamos o seguinte questionamento: se o próprio professor de Educação Física desconsidera a prática no

campo da cultura popular, por qual motivo os seus alunos teriam tanto que valorizá-la?

O fato de o ensino da Educação Física configurar-se como um processo de imitação do uso do corpo do saber prático possui o agravante de desqualificar o campo da teoria da educação do corpo. Pode ocorrer que a produção do especialista em Educação Física fique centrada em um conjunto de práticas destituídas de elementos teóricos e isso desqualifica, em grande parte, o ensino da Educação Física na unidade escolar, pois a mesma se espelha nas práticas corporais esportivas que não atendem aos critérios da crítica no mundo da cultura.

As práticas corporais esportivas estão, muitas vezes, associadas ao mercado e constituem-se, na sociedade do espetáculo, como elementos que movimentam o consumo destituído de critérios no campo da crítica. Esses elementos tornam-se paradigmas de escolha de corpos para ocuparem todos os demais espaços institucionalizados.

No exame físico do Concurso da Guarda Municipal foi exigido que o candidato fizesse o “teste da barra”. Esse exercício consistia na exigência do candidato ficar pendurado na barra com os braços estendidos e, em seguida, teria que fazer força para flexionar a articulação do cotovelo até ultrapassar a barra com o queixo, ou seja, toda a cabeça teria que ficar acima da barra. Feito isso teria que estender a articulação do cotovelo até o braço ficar reto, para novamente iniciar o exercício. Consideramos que a exigência de passar a cabeça acima da barra é algo extremamente simbólico. Um candidato que acabara de realizar esse exercício alegremente gritou: “consegui vencer o fantasma da barra!” Qual seria esse “fantasma”? Esse exercício não consiste em apenas constatar quem pode ou não pode realizar uma flexão e extensão da articulação do cotovelo sustentando o próprio peso corporal. [...] ao passar a cabeça acima da barra ele a “perde”. Esse é o caminho para o ingresso numa carreira de obediência “cega” ao comando dos superiores. (RODRIGUES, 2004, p. 38).

Temos assim uma polaridade entre o ensino por imitação destituído de crítica e a teoria crítica como o pressuposto básico para que ocorra o ensino da Educação Física como disciplina acadêmica na unidade escolar. Nesse mecanismo de transmissão, o educador físico não pode se distanciar da prática, porque os alunos aprendem por “imitação”. Isso seria um modo de apropriar-se em seus corpos de uma nova modalidade de “técnica corporal”. Assim, para transmitir algo para o corpo tem-se como princípio que o professor deve possuir certo domínio da “técnica corporal” no campo da teoria crítica para ser transmitida. No entanto, o que seria essa “técnica corporal” em interface com a teoria crítica no campo da cultura popular?

Na aula de Educação Física, o aluno deveria possuir as condições de “copiar” o movimento corporal e, principalmente, repeti-lo de modo a alcançar o próprio domínio da nova “técnica corporal”. Essa “imitação” por parte do aluno poderia permitir as condições necessárias de avanço a ponto de poder superar os próprios ensinamentos de seu professor. Assim sendo, espera-se que o aluno, a partir da “imitação”, possa criar e, principalmente, alcançar a originalidade ao utilizar-se de seu próprio corpo e significar a sociedade em que se encontra presente. Contudo, o que temos na aula de Educação Física na presença do professor? Os alunos ficam em desespero pedindo a “bola”: “Professor, cadê a bola?”; “Professor, nós queremos a bola!”; “Professor, queremos jogar bola”..., enfim, não se precisa do professor, pois eles querem somente a bola.

Neste universo de alienação do uso corpo, seria possível constituir uma modalidade de transmissão por “imitação” em que o educador físico é aquele em que o ensino não se faz somente pelas palavras e sim, primordialmente, por gestos que permitem a criatividade e o sujeito constituir sua representação de corpo?

Podemos apontar que a falta de compreensão da especificidade no ensino da

Educação Física em interface com a cultura popular tem produzido o descaso e a perda de significado da prática do uso do corpo e isto provoca outros agravantes estruturais no seu ensino, como a diminuição do investimento destinado para as práticas corporais pelas instituições escolares.

Prevalece a seguinte lógica: de que na aula de Educação Física, ela se encontra reduzida à realização de uma prática cega sem uma reflexão crítica sobre o uso técnico do corpo, ou seja, um fazer as coisas com o corpo destituído de interpretação do intelectual. Isso tem provocado um apagamento do ensino da Educação Física na unidade escolar que pode ser constatado em diversos aspectos, por exemplo: as escolas não destinam espaço adequado para a prática da Educação Física; os alunos não dispõem de vestiários próprios para adequarem a sua vestimenta para aula da Educação Física; o número de aulas em Educação Física vem diminuindo; a prática da Educação Física restringe-se, em grande parte, à prática esportiva, enfim, podemos até mesmo, em alguns casos, presenciar a Educação Física deixando de existir nas instituições de ensino. Seria possível reverter esse quadro a ponto de retomarmos o significado do ensino da Educação Física no campo da cultura popular?

Para tanto, devemos retomar a compreensão de que não existe separação entre teoria e prática e, por esse ângulo, a Educação Física pode ser analisada como uma atividade humana na qual a intencionalidade do pensamento materializa-se em ação. Portanto, o corpo pode ser um lugar onde o pensamento constrói-se em ação. Um lugar onde o verbo (palavra) faz-se ação. O fato de um sujeito correr, saltar, entre outras coisas, é algo que seria determinado por uma condição de controle entre pensamento e ação, isto é, para correr e saltar é preciso um domínio não somente corpóreo, mas requer também organização de pensamento. Assim, pode-se localizar no

corpo um lugar onde o pensamento e a ação comporiam uma unidade no campo da cultura popular. No corpo, o pensamento faz-se ação e a ação faz-se pensamento. Podemos dizer que pensamos corporalmente e tal entendimento rompe com a ideia de que, em alguns momentos, somos somente “cabeça” e, em outros, somos “corpo”. Seria mais apropriada uma compreensão de que somos “corpos pensantes”.

Os nossos corpos atuam como um todo. Cada terminação nervosa, na placa motora em um determinado músculo, é um lugar do pensamento e a isso denominamos “consciência corporal”. Com isso, o abandono da Educação Física ou a subordinação ao campo esportivo em nossas instituições de ensino é algo que compromete e limita os possíveis modos de pensamento e, por que não dizer, restringe os “impossíveis” tipos de ações do corpo. Quem nunca se surpreendeu com algum tipo de uso do corpo dizendo: “Como ele consegue fazer aquilo com o seu corpo?”. A única resposta possível: “Ele consegue fazer coisas com o seu corpo porque ele treina”.

Nesse sentido, para aqueles cujo corpo é, primordialmente, o instrumento de trabalho, a Educação Física deveria ocupar um lugar de destaque na sua formação, e para os outros, que consideram não usar o corpo, mas somente a “cabeça” para trabalhar, não deveriam, de modo algum, se esquecer de que, antes de qualquer coisa, somos “corpo”. Esses que separam a “cabeça” do “corpo” partem do princípio de que não necessitam treinar ou apropriar-se de “técnicas do corpo”. Contudo, não se pode desconsiderar que o “corpo” é um lugar de apreensão de informação e, principalmente, um modo de realizarmos a expressão de nossos pensamentos. Dessa maneira, o abandono de seu uso estaria, de certo modo, limitando o estado de ser do sujeito. Essa limitação pode ser compreendida quando o corpo passa a ser um anexo instrumental. Assim, temos uma cabeça que pensa separada de um corpo que age.

Nessa lógica, temos o corpo como um restrito instrumento de trabalho e, por sua vez, este se torna um anexo na sua utilização. Não temos mais um “corpo pensante” que domina a ação. Temos um corpo determinado pelo uso do instrumento para a realização do rendimento esportivo, ou seja, vive-se uma inversão, o instrumento passa a ter vida e o corpo passa a ser morto. Em muitos casos, utilizamos desse recurso, quando precisamos submeter o corpo a práticas exaustivas, nas quais o que mais treinamos é a anulação do corpo e a sua plena subordinação à palavra, ou seja, uma ordem é uma ordem e deve ser cumprida e não questionada.

Sentimos isso na pele, quando é exigida do corpo uma ação não correspondida, o que se apresenta nas situações de combate e até nas práticas esportivas competitivas. O corpo passa a ser treinado nem tanto para o condicionamento físico e sim para o “condicionamento psicológico”, isto é, um corpo que atua cegamente para atingir determinado objetivo. Isso seria outro contraponto da teoria cartesiana para o qual a relação entre corpo e alma colocaria a razão no comando, pois

não somente estou alojado em meu corpo, como um piloto em seu navio, mas que, além disso, lhe estou conjugado muito estreitamente e de tal modo confundido e misturado, que componho com ele um único todo. (DESCARTES, 1974, p. 144).

Para tanto, é preciso que existam condições de estudo e elaboração de uso do corpo, isto é, que a Educação Física seja exercida de modo sistemático e não como algo casual, quando não temos nada a fazer para passar o tempo. Esse modo de compreender a Educação Física é um ponto de destaque para o lugar que ela deve ocupar nas instituições de ensino e é, de certo modo, a nossa defesa do seu ensino.

Consideramos que a democratização da cultura corporal em nossa sociedade e, principalmente, sua aproximação com o campo

da cultura corporal popular é algo no sentido de ampliarmos no uso do corpo o viés democrático e a liberdade de expressão do pensamento. Não seria esse o papel das nossas instituições de ensino em formar o cidadão crítico e participativo?

Agradecimentos

Ao “Apoio a Projetos de Pesquisa em Educação Básica – Acordo CAPES – FAPEMIG”. (Processo Nº CHE-APQ-03301-12).

Referências

BOURDIEU, P. Programa para uma sociologia do esporte. In: _____. **Coisas ditas**. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 1990.

DESCARTES, R. **Meditações**. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Coleção: Os Pensadores).

GUATTARI, F. **Revolução molecular**: pulsações políticas do desejo. Tradução de Suely Belinha Rolnik. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MAUSS, M. As técnicas corporais. In: _____. **Sociologia e antropologia**. Tradução de Mauro W. B. de Almeida. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

RODRIGUES, R. **A educação cindida e formação do sujeito**: para além de uma pedagogia do “bem” e do “mal”. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

Submetido em 15 de maio de 2015.

Aprovado em 28 de setembro de 2015.